



REMHU - Revista Interdisciplinar da
Mobilidade Humana

ISSN: 1980-8585

remhu@csem.org.br

Centro Scalabriniano de Estudos
Migratórios
Brasil

Francis-Vincent, Anthony

DESENRAIZAMENTO E ACOLHIDA: fundamentos para uma pastoral migratória
REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, vol. 20, núm. 38, enero-junio,
2012, pp. 195-212

Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios
Brasília, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=407042015012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

re^odalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Francis-Vincent Anthony, sdb*

Este ensaio é uma tentativa de ler o complexo fenômeno da migração à luz da fé, encontrando nele as categorias - desenraizamento e acolhida - para uma nova compreensão da fé e dos fundamentos que inspiram a pastoral dos migrantes. A mobilidade humana como *locus theologicus*, “sinal dos tempos” e *kairòs* requer múltiplas perspectivas de leitura da experiência de desenraizamento e acolhida: antropológica, soteriológica, cristológica, eclesiológica, escatológica e assim por diante. Destes fundamentos decorrem consequências não apenas para a pastoral específica dos migrantes, mas também para a reflexão pastoral e teológica em geral, uma vez que visam à edificação da Igreja e do Reino de Deus.

Palavras-chave: Migração; Fundamentos Teológicos; Acolhida; Hospitalidade; Desenraizamento.

* Nascido em Mumbai, na Índia, membro da Congregação dos Salesianos de Dom Bosco, professor de Teologia Prática, Diretor do Instituto de Teologia Pastoral e Diretor do Comitê Faculdade Interamericana de Pesquisa da Universidade Pontifícia Salesiana, Professor convidado no Scalabrini International Migration Institute. Entre seus livros: *Ecclesial praxis of inculturation: Toward an empirical-theological theory of inculturizing praxis* (1997); *Faith and culture in Catholic schools: An educational-pastoral research on inculturation in the Tamil/Indian cultural context* (1999). Roma/Itália.

1. Premissas¹

A palavra “pastoral” traz à mente a imagem do pastor que migra com suas ovelhas em busca de “verdes pastagens” e “águas tranquilas” (Sl 23). Esta imagem, que inspira toda a práxis pastoral, é mais relevante para a pastoral migratória, ou seja, a prática eclesial de acompanhar os migrantes em sua busca de uma vida mais plena. Tal práxis deixa claro que tanto os migrantes quanto a comunidade local estão buscando a mesma plenitude de vida. Se a experiência de desenraizamento dos migrantes os torna necessitados e permite-lhes experimentar na acolhida recebida os sinais de vida mais plena, a acolhida oferecida pela comunidade local permite redescobrir o desenraizamento como condição indispensável para a vida de fé. Portanto, conforme elucidaremos a seguir, a experiência de desenraizamento do mundo familiar e a acolhida do mundo estranho - no caso tanto dos imigrantes quanto dos nativos - são duas dimensões constitutivas da pastoral migratória.

Os fundamentos para a práxis pastoral, é claro, são de natureza teológica, mas não só. Na configuração atual da teologia prática é consolidada a necessidade de uma abordagem interdisciplinar com referência às ciências humanas. Isso decorre do fato de que a prática pastoral é uma prática teandrica e a experiência humana um *locus theologicus*. Para entender e responder ao fenômeno migratório, que envolve pessoas de várias nacionalidades, culturas e religiões, os fundamentos podem se referir a outras tradições religiosas e a teorias das ciências humanas. No entanto, neste trabalho abordaremos apenas aos fundamentos teológicos que nos permitem ler o complexo fenômeno da migração com um olhar de fé e encontrando nele as categorias - desenraizamento e acolhida - para uma renovada compreensão hermenêutica da fé. Trata-se de categorias através das quais podemos considerar “o fenômeno migratório como um importante ‘sinal dos tempos’, um desafio a ser descoberto e valorizado na construção de uma humanidade renovada e no anúncio do Evangelho da paz”².

No âmbito teológico a mobilidade humana, enquanto *locus theologicus*, “sinal dos tempos”³ e *kairòs*, requer múltiplas chaves de leitura da experiência de desenraizamento e acolhida: antropológica, soteriológica,

¹ Artigo traduzido do italiano pela equipe do CSEM.

² PONTIFÍCIO CONSELHO DA PASTORAL PARA OS MIGRANTES E OS ITINERANTES. *Erga Migrantes Caritas Christi* (daqui em diante EMCC), n. 14.

³ CAMPESE, Gioacchino. “Teologia delle migrazioni”, in BATTISTELLA, Graziano (org.). *Migrazioni*. Dizionario Socio-Pastorale (daqui em diante MDSP), p. 1019-1024.

crisológica, eclesiológica, escatológica e assim por diante. Sem a pretensão de exaustividade sobre a categorização dos critérios e seu desenvolvimento, pretendemos detectar os fundamentos teológicos de uma pastoral que incorpora a experiência dos migrantes.

Mesmo sem entrar nas causas e nos efeitos da migração, podemos afirmar que a característica vital desta experiência é a desterritorialização das pessoas: estamos diante de seres humanos que deixam sua terra natal para construir sua autobiografia, sua história pessoal, em lugares novos e desconhecidos. Neste sentido a migração inclui um duplo movimento, uma dupla experiência: saída e desenraizamento, de um lado, e chegada e acolhida, do outro. Em outras palavras, desenraizamento e acolhida são as duas faces inseparáveis e complementares da migração. A reflexão teológico-pastoral sobre a migração, em geral, tende a colocar tanta ênfase sobre a acolhida (muitas vezes identificada com a hospitalidade)⁴ que negligencia o desenraizamento. A instrução *“Erga Migrantes Caritas Christi”* (EMCC) do Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e Itinerantes e o volume *“Migrazioni. Dizionario Socio-Politico”* (MDSP) organizado por Graziano Battistella, que servem como base para este ensaio, oferecem uma visão cristã do fenômeno migratório, tendo em conta de alguma forma os dois lados: o desenraizamento e a acolhida. No entanto, acreditamos que esses textos não destaquem suficientemente o sentido do desenraizamento em relação à experiência de fé. Portanto, nesta reflexão sobre a pastoral migratória, os múltiplos critérios da teologia antropológica, soteriológica, crisológica, eclesiológica e escatológica serão analisados a partir de ambas as perspectivas: o desenraizamento e a acolhida.

2. Experiência de migração em perspectiva antropológica

A migração, antes de tudo, é uma experiência de desterritorialização da pessoa humana, é um fato antropológico. Como dissemos anteriormente, por várias razões, indivíduos e grupos são obrigados a deixar sua terra natal com a esperança de construir seu futuro em terras desconhecidas. Isso resulta em um sofrido desenraizamento de tudo o que é familiar e confortante. O migrante se torna vulnerável e necessitado de acolhida. Nesta ótica antropológica, a tradição bíblico-cristã considera a experiência da migração como a mais genuína expressão de fé, esperança e amor, tanto no aspecto do desenraizamento, quanto da acolhida.

⁴ Cf. BELLIA, Giuseppe. *Accoglienza/Ospitalità nella Bibbia*, in MDSP, p. 3-15; TASSELLO, Giovanni Graziano. *Accoglienza/Ospitalità nella pastorale*, in MDSP, p. 15-18.

2.1. Desenraizamento como expressão de fé e esperança

No caso exemplar de Abraão, a migração como desenraizamento torna-se a expressão máxima da confiança nas promessas divinas, ou seja, a expressão máxima da fé. Abraão deixa a terra de Ur dos Caldeus, seu povo, a segurança de seu ambiente cultural e religioso, confiando apenas na promessa de Deus de se tornar pai “de um grande povo” (Gn 12,2); e com esta escolha, ele se torna símbolo da própria fé, o pai da fé bíblica.⁵

Ele deve sair dos limites impostos por terra, clã, povos. Na verdade, este êxodo se torna a razão pela qual Abraão será abençoado pelas famílias da terra. A condição de Abraão como um estrangeiro torna-se, em certo sentido, uma vocação. Seu ser estrangeiro é uma forma de afirmar um novo tipo de relacionamento entre os povos, uma espécie de nova ordem mundial... um plano de Deus sobre a história do mundo.⁶

Na experiência hodierna da migração o elemento de desenraizamento e de incerteza é muito presente entre aqueles que são forçados a emigrar por razões econômicas e políticas. Muitas vezes, a experiência de desenraizamento e total vulnerabilidade gera um fortalecimento da fé ou um refúgio na religiosidade popular. Apesar da ambiguidade associada com esta experiência religiosa e a mitigação do desenraizamento através do contato frequente com a terra de origem, que se torna possível pelas redes de comunicação, o desenraizamento continua sendo relevante na vida espiritual dos migrantes.

Isso significa que a pastoral migratória deve levar em conta a experiência antropológico de desenraizamento como base de abertura ao transcendente, como uma expressão incipiente de confiança, fé e esperança. Não se trata de explorar a situação de insegurança do migrante, mas de buscar nela o sentido antropológico da insegurança, da contingência e da finitude existencial, que pode se abrir à invocação, à esperança. Neste sentido, na experiência dos migrantes ecoa a voz da natureza itinerante do homem *viator*, do cristão *peregrino*.⁷

No fundo, o fenômeno da migração, com que lidamos constantemente, nos deixa muitas vezes confusos e desestabilizados, nos torna estranhos no nosso próprio país. Em outras palavras, a imigração

⁵ EMCC n. 14. COCCO, Pierfrancesco. *Abraão*, in *MDSP*, p. 1-3. CALDUCH-BENAGES, Nuria. *Antico Testamento*, in *MDSP*, p. 19-20.

⁶ SPREAFICO, Ambrogio. *Straniero/Forestiero*, in *MDSP*, p. 976s.

⁷ BENTOGGIO, Gabriele. *Nuovo Testamento*, in *MDSP*, p. 713-715.

dos povos coloca os nativos diante de um desafio, obrigando-os a lidar com o fato de que seu território não está mais ligado apenas a sua tradição linguística, cultural, religiosa... A presença de “estrangeiros” (isto é, pessoas de outras etnias, línguas, culturas, religiões...) cria, para os nativos, um mundo estranho em seu próprio país e faz redescobrir o seu passado nebuloso. E a decorrente percepção de insegurança e de contingência pode abrir a comunidade local para uma experiência mais profunda de invocação e de esperança.

2.2. Acolhida como uma expressão de amor

Na tradição bíblica, a acolhida das camadas mais vulneráveis e marginalizadas da sociedade é uma expressão do mandamento do amor. Dado que os migrantes fazem parte dos grupos sociais mais vulneráveis, no Antigo Testamento o povo de Israel é convidado a imitar a ação do próprio Deus na acolhida dos estrangeiros: “Iahweh teu Deus... faz justiça ao órfão e à viúva, e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e roupa. Portanto, amareis o estrangeiro, porque fostes estrangeiros na terra do Egito” (Dt 10,17-19). O livro do Levítico retoma o mesmo tema: “se um estrangeiro habita convosco na vossa terra, não o molestareis. O estrangeiro que habita convosco será para vós como um compatriota, e tu o amarás como a ti mesmo, pois fostes estrangeiros na terra do Egito” (Lv 19,33-34).⁸ A consciência da própria condição transitória torna o estrangeiro um próximo a ser amado. “A memória de um evento passado e o pertencimento a um povo tornam contemporâneos, formam uma nova consciência histórica: neste caso, a consciência de ser ‘estrangeiro’. É esta consciência que permite ir além da estranheza e superar no âmagô a separação que existe com o estrangeiro”⁹.

No Novo Testamento Jesus se identifica com o estrangeiro, de modo que a acolhida do estrangeiro equivale à acolhida do próprio Jesus: “Era forasteiro e me recolhestes... Quando foi que te vimos forasteiro e te recolhemos?... Eu era forasteiro e não me recolhestes... quando te vimos forasteiro... e não te servimos? ... Todas as vezes que o deixastes de fazer a um desses pequeninos, foi a mim...” (Mt 25,35-45).¹⁰

Portanto, para o cristão a acolhida do estrangeiro torna-se uma expressão de amor a Cristo, uma experiência de Deus: “O cristão

⁸ EMCC n. 14.

⁹ SPREAFICO, *op. cit.*, p. 980.

¹⁰ EMCC n. 12.

contempla no estrangeiro, não só o próximo, mas o próprio rosto de Cristo”¹¹. “Nos ‘estrangeiros’ a Igreja vê Cristo que ‘coloca a sua tenda no meio de nós’ (cf. Jo 1,14) e que ‘bate à nossa porta’ (cf. Ap 3,20)”¹². Por isso, a pastoral migratória fundamenta-se no mandamento novo, que reúne em um único movimento o amor para Deus e o amor para os fracos, os marginalizados, os pequeninhos.

Por sua vez, o estrangeiro também tem o dever de amar as pessoas que o acolhem. Na tradição bíblica o exemplo de Rute é emblemático.¹³ Tendo perdido o marido e dois filhos, que tinham emigrado com ela em Moab, Noemi queria voltar a Belém e, por isso, queria obrigar sua nora Rute, a moabita que ficou viúva, a retornar ao seu povo. “Respondeu Rute: ‘Não insistas comigo para que te deixe, pois para onde fores, irei também, onde for tua moradia, será também a minha; teu povo será o meu povo e teu Deus será meu Deus. Onde morreres, quero morrer e ser sepultada. Que lahweh me mande este castigo e acrescente mais este se outra coisa, a não ser a morte, me separar de ti’” (Rt 1,16-17). Expressões de sentimentos semelhantes podem ser encontradas em várias culturas indígenas: por exemplo, na língua Tamil do Sul da Índia, um provérbio diz: “Onde quer que vá considera o país como a sua aldeia e as pessoas como seus parentes”.

A Pastoral Migratória, portanto, deve ser focada na acolhida mútua entre os imigrantes e a comunidade local: “o migrante também deve colaborar para a criação de uma civilização do amor, superando atitudes de defesa - ou até mesmo de hostilidade - em relação à sociedade de acolhida e trilhando o caminho de aproximação, diálogo e abertura com todos”¹⁴.

3. Experiência de migração em perspectiva soteriológica

Na tradição bíblica, tanto do Antigo¹⁵ quanto do Novo Testamento¹⁶, o plano misterioso de Deus para a salvação da humanidade parece intimamente associado com o desenraizamento e a acolhida vivenciados no âmbito da migração. Dito de outra forma, na perspectiva soteriológica o desenraizamento e a acolhida são lugares e sinais de salvação.

¹¹ *Ibidem*, n. 15.

¹² *Ibidem*, n. 101.

¹³ RIZZI, Giovanni. *Rut*, in *MDSP*, p. 933-936.

¹⁴ TASSELLO, *op. cit.*, p. 18.

¹⁵ CALDUCH-BENAGES, *op. cit.*, p. 18-25.

¹⁶ BENTOGGIO, *op. cit.*, p. 711-721.

3.1. *Desenraizamento com vistas à salvação*

A experiência de desenraizamento no êxodo¹⁷, no exílio¹⁸ e na diáspora do povo de Israel¹⁹ constitui um aspecto fundamental da história da salvação. “Israel recebeu a solene investidura de ‘Povo de Deus’, depois da longa escravidão no Egito, durante os quarenta anos de ‘êxodo’ no deserto. A dura provação das migrações e deportações foi, portanto, fundamental na história do Povo eleito, com vistas à salvação de todos os povos: assim foi no retorno do exílio (cf. Is 42, 6-7; 49,5). A partir desta memória, Israel se sente sustentado pela confiança em Deus, também nos momentos mais obscuros de sua história (Sl 105 [104], 12-15; Sl 106 [105], 45-47)”²⁰.

A marcha através do deserto é na verdade um longo período de aprendizagem para o povo eleito. ... Este método educativo responde a finalidades pedagógicas que são parte do plano salvífico de Deus (Dt 8,2). Uma única provação gera uma dupla experiência de conhecimento: por um lado, o Senhor conhece o ser humano em sua interioridade (Cf. 2Cr 32,31); por outro, o ser humano reconhece sua total dependência do Senhor através da sua palavra (Dt 8,17).²¹

Semelhante experiência de salvação está subjacente aos deslocamentos do exílio e da diáspora.²² Em outras palavras, o sofrimento ligado ao desenraizamento de Israel, e de forma análoga de cada povo, tem uma ressonância salvífica no plano de Deus para a humanidade. Na verdade não é o desenraizamento, em si, que conduz à salvação, mas enquanto expressão de esperança para um mundo novo.

Se, de uma parte, os sofrimentos que acompanham as migrações são de fato expressão das dores de parto de uma nova humanidade, de outra as desigualdades e os desequilíbrios, dos quais esses são consequência e manifestação, expressam verdadeiramente a dilaceração introduzida na família humana pelo pecado, e portanto constituem uma sofrida invocação à verdadeira fraternidade.²³

¹⁷ Cf. SKA, Jean-Louis. *Esodo*, in *MDSP*, p. 467-474.

¹⁸ Cf. CARDELLINI, Innocenzo. *Esilio*, in *MDSP*, p. 460-466.

¹⁹ Cf. SCAIOLA, Donatella. *Diaspora nella Bibbia*, in *MDSP*, p. 376-379.

²⁰ EMCC n.14.

²¹ CALDUCH-BENAGES, *op. cit.*, p. 22.

²² *Ibidem*, p. 22-24.

²³ EMCC n. 12.

Portanto, a Pastoral Migratória não pode ignorar que, justamente na situação caótica e contraditória da migração, a dura provação do desenraizamento experimentado pelos migrantes deve ser inserida no plano de salvação que Deus continua realizando na história.²⁴

3.2. Acolhida como salvação

A carta aos Hebreus, em alusão à hospitalidade oferecida ao Senhor por Abraão no Carvalho de Mambré (Gn 18,1-14), recomenda aos cristãos daquela época e de cada época: “Não vos esqueçais da hospitalidade, porque graças a ela alguns, sem saber, acolheram anjos” (Hb 13,2). A hospitalidade oferecida por Abraão de fato marca o início da realização das promessas de Deus, da salvação que vem de Deus. Ao contrário, Jesus com grande pesar chora sobre Jerusalém que não soube reconhecer e acolher a visita do Senhor (Lc 19,41-44). No entanto, a acolhida que um pequeno grupo de discípulos soube dar ao Jesus “estrangeiro” e ao seu Evangelho marcará o início da verdadeira história da salvação.

Em sua vida terrena Jesus faz resplandecer a salvação na acolhida de pobres, pecadores, doentes, marginalizados... Como no caso de Zaqueu, a acolhida oferecida por Jesus torna-se motivo de acolhida dada a Jesus, uma experiência de salvação: “hoje a salvação entrou nesta casa...” (Lc 19,1-10). É significativo que a acolhida de não judeus, ou seja, dos “gregos” que querem ver Jesus, é interpretada no Evangelho de João (12,21-22) como o tempo da manifestação da glória do Filho do homem, como a hora da salvação.²⁵

A experiência da salvação - da mesma forma que a percepção de ser amados - pode ser expressa como a experiência de chegar em casa e, ao mesmo tempo, como o encontro com um estrangeiro, ou seja, um encontro que, de alguma forma, inquieta e surpreende.²⁶

Portanto, a autêntica experiência de salvação inclui o reconhecimento do mistério do outro e do Outro: “cada encontro com o que é estranho para nós é precioso porque pode revelar algo da autêntica experiência de Deus, do Deus-conosco, o Crucificado ressuscitado presente nos tormentos da nossa história”²⁷.

²⁴ *Ibidem*, n. 13.

²⁵ Cf. SPREAFICO, *op. cit.*, p. 984.

²⁶ FUMAGALLI, Anna. *Gesù straniero*, in *MDSP*, p. 515.

²⁷ *Ibidem*, p. 516.

Tudo isso significa que a pastoral migratória pode ser sinal e instrumento da salvação que é oferecida por Deus na acolhida de migrantes, pobres e necessitados. Em outros termos, o cuidado pastoral dos migrantes deve qualificar-se como acolhida salvífica.

4. Experiência de migração numa perspectiva cristológica

Interpretando as migrações numa perspectiva cristológica, e vice-versa, vamos entender o significado mais profundo da encarnação como desenraizamento radical do divino e acolhida incondicional e eterna do humano. Em outras palavras, a encarnação representa a radical migração do Filho da esfera divina àquela humana para permitir a migração da humanidade para o mundo divino.

4.1. A encarnação como desenraizamento do divino

O Verbo que se fez carne é o evento mais radical do desenraizamento, do despojamento, do esvaziamento: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). O Verbo de Deus tem, literalmente, armado sua tenda entre nós (Sl 75,3), deixando sua “pátria” sobrenatural, sua glória celestial (cf. 2Cor 8,9). Em sua *kenosis* o Verbo de Deus esvaziou-se totalmente de sua divindade para entrar no mundo humano: “Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente, mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana” (Fl 2,6-7).

Nesta esteira, citando o Salmo (40,7-9), a Carta aos Hebreus interpreta a encarnação como o início do sacrifício de Cristo: “Tu não quiseste sacrifício e oferta, tu, porém, formaste-me um corpo” (Hb 10,5). O desenraizamento cristológico manifesta-se de forma perceptível e concreta no nascimento em uma manjedoura e na fuga para o Egito. “Nascido fora de casa, e proveniente de fora da Pátria (cf. Lc 2,4-7), “habitou no meio de nós” (cf. Jo 1,11.14) e transcorreu a sua vida pública como itinerante, percorrendo “cidades e vilas” (cf. Lc 13,22; Mt 9,35). Ressuscitado, e todavia ainda estrangeiro e desconhecido, aparece, no caminho de Emaús, aos dois discípulos que o reconheceram somente ao partir do pão (cf. Lc 24,35)”²⁸. Sua vida terrena, da encarnação até a ressurreição, revela o significado mais profundo da afirmação de Jesus “Eu era um estrangeiro”. Os Evangelhos “apresentam Jesus na condição

²⁸ EMCC n. 15.

de *estrangeiro* e essa estranheza é enfatizada como uma questão repleta de consequências: não só em referência à identidade de Jesus, mas também à possibilidade de um encontro real com ele”²⁹.

Não tendo “onde reclinar a cabeça” (Mt 8,20, Lc 9,58), Jesus vive como um hospede, contando com a hospitalidade de Lázaro, Maria, Marta, Pedro, Levi, Zaquieu... e de outras pessoas generosas.³⁰ Portanto, enquanto discípulos de Cristo, a comunidade cristã e os agentes de pastoral não podem esquecer que vivem o seguimento de um peregrino. Em última análise, a índole salvífica da pastoral migratória decorre do desenraizamento cristológico e da acolhida de Jesus *estrangeiro*.

4.2. Encarnação como acolhida do humano

Se, por um lado, a encarnação do Verbo Divino é desenraizamento do divino, por outro, é plena acolhida do humano. Em sua dramaticidade, a cruz testemunha que Jesus quis ser “pregado” à nossa humanidade até o fim. Como sinal de uma perene acolhida do humano, o Ressuscitado subiu aos céus, colocando assim a natureza humana no coração de Deus, no seu Espírito. A acolhida do humano na esfera divina marca o sentido mais profundo da nova aliança em Jesus Cristo. Nesta nova situação ontológica não podemos pensar Deus sem um rosto humano, e não podemos pensar o ser humano sem um rosto divino. Nisto está a nova dignidade de cada pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus, chamada a ser filho no Filho.³¹

Jesus revela a acolhida do humano, de um modo concreto, ao abraçar a experiência cultural, social e religiosa de Israel, com uma atenção quase exclusiva às ovelhas perdidas de Israel; mas também nos encontros vitais com os estrangeiros: o endemoninhado e o surdo-mudo na região da Decápole (Mc 5,1-20; 7,32-37), a mulher siro-fenícia na região de Tiro e Sidônia (Mc 7,24-30, Mt 15,21-28), o centurião no território da Galileia (Mt 8,5-13), a mulher samaritana (Jo 4,1-42), os “gregos” que querem ver Jesus (Jo 12,21-22).³²

Na encarnação, o Filho de Deus acolhe o humano, não apenas no nível ontológico e sócio-cultural, mas assume também um papel

²⁹ FUMAGALLI, *op. cit.*, p. 511; ver também, p. 51-517.

³⁰ EMCC n. 15; BENTOGGIO, *op. cit.*, p. 715-717.

³¹ Cf. ANTHONY, Francis-Vincent. *Ecclesial praxis of inculturation*, p. 61-64. SANTANGELO Domenico; ZUCCARO Cataldo. *Dignità umana*, in *MDSF*, p. 379-385.

³² SPREAFICO, *op. cit.*, p. 983s.

do anfitrião. Como sinal de uma perene acolhida do humano, Jesus apresenta-se como anfitrião na última ceia, lava os pés dos discípulos (cf. Mc 10,42-45) e oferece seu corpo e seu sangue como alimento para a viagem (Mc 14,22-24), antecipando na multiplicação dos pães e dos peixes a prefiguração do banquete messiânico (cf. Mc 6,41;8.1).³³

Na esteira da encarnação, a Pastoral Migratória pode se tornar a expressão mais eloquente da acolhida incondicional de cada pessoa humana com sua identidade cultural, social e religiosa. Portanto, além do bem-estar físico³⁴, a inculturação³⁵, o diálogo intercultural³⁶, ecumênico³⁷ e inter-religioso³⁸ são aspectos vitais do cuidado pastoral dos migrantes.

5. Experiência de migração em perspectiva eclesiológica

Uma leitura da migração em perspectiva eclesiológica nos faz compreender a Igreja como uma comunidade desenraizada, por um lado, e, por outro, como um lugar de acolhida sem fronteiras. De fato, no Concílio Vaticano II a Igreja redescobre que é por natureza missionária no meio de todos os povos.³⁹

5.1. Igreja como uma comunidade desenraizada

O uso frequente do termo “forasteiros” ou “estrangeiros” no Antigo Testamento (*ger, toshab, nokri/nekar, zar*), os contos relativos aos patriarcas e a história de Israel revelam que “a categoria do estrangeiro deve ter sido importante para a auto-consciência de Israel e para a compreensão de seu papel em relação aos outros povos”⁴⁰. De forma análoga, os termos usados no Novo Testamento (*xenos, allotrios, pàroikos*) e a práxis de Jesus e dos apóstolos manifestam a auto-consciência da Igreja das origens.⁴¹

A história de Israel testemunha que a eleição de um povo por parte de Deus visa uma missão universal. Da mesma forma, a Igreja (*ekklesia*, do verbo *ekkalein*, chamar) é composta por aqueles que são chamados para serem enviados como apóstolos, missionários da Boa Nova. Portanto, a

³³ BENTOGLIO, *op. cit.*, p. 717.

³⁴ Cf. GERACI, Salvatore. *Salute*, in *MDSP*, p. 937-942.

³⁵ Cf. ANTHONY, Francis-Vincent. *Inculturazione*, in *MDSP*, p. 537-544.

³⁶ Cf. SANTERINI, Milena. *Intercultura*, in *MDSP*, p. 544-551.

³⁷ Cf. MAFFEIS, Angelo. *Dialogo ecumenico*, in *MDSP*, p. 360-365.

³⁸ Cf. PHAN, Peter C. *Dialogo interreligioso*, in *MDSP*, p. 365-371.

³⁹ EMCC n. 21-23.

⁴⁰ SPREAFICO, *op. cit.*, p. 975; cf. p. 974-983.

⁴¹ *Ibidem*, p. 983-985.

migração faz parte da natureza e da história da Igreja.⁴² “O dever de anunciar a Palavra de Deus confiada pelo Senhor à Igreja se entrelaçou, desde o início, com a história da emigração dos cristãos”⁴³.

Ser apóstolo, missionário, envolve desenraizamento. Ao enviar seus discípulos para evangelizar toda criatura, Jesus convidou-os a ir como estrangeiros, despojados de tudo, exceto o tesouro do Evangelho. É na necessidade de ter que depender da hospitalidade oferecida que o discípulo encontra o ambiente adequado para partilhar o Evangelho. Em outros termos, o desenraizamento torna-se uma condição essencial para os evangelizadores, para os agentes de pastoral.⁴⁴ Uma Igreja demasiado enraizada e institucionalizada, excessivamente segura e autônoma em relação ao contexto sócio-cultural, prejudicaria a experiência de um apóstolo itinerante.

A Pastoral dos Migrantes, enquanto acompanhamento dos povos em mobilidade, pode recuperar o espírito originário do desenraizamento para proclamar o Evangelho. O anúncio da Boa Nova da salvação exige que o agente pastoral e a comunidade evangelizadora vivam em primeira pessoa o desenraizamento, a insegurança, a dependência.

5.2. Igreja como um lugar de acolhida

O dever de anunciar o Evangelho também aos gentios, ou seja, aos Romanos e aos Gregos, faz com que a Igreja das origens se torne um lugar de acolhida de estrangeiros: “Aí não há mais grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro, cita, escravo, livre, mas Cristo é tudo em todos” (Cl 3,11). O Concílio de Jerusalém marca, neste sentido, a abertura definitiva, a acolhida de cada povo, raça, língua... no seio da Igreja. Uma acolhida incondicionada de cada ser humano com a sua cultura, língua, sensibilidade religiosa,... marca a catolicidade intensiva da Igreja. A Pastoral Migratória, que faz com que o migrante cristão se sinta parte integrante da igreja local, é um sinal eloquente da catolicidade da Igreja e a torna reconhecível como um sacramento universal da salvação.⁴⁵

Na Igreja primitiva a hospitalidade foi sobretudo “a prática com a qual os cristãos responderam também às exigências dos missionários itinerantes, chefes religiosos exilados ou de passagem, e pessoas pobres

⁴² MAZZOLINI, S. *Chiesa pellegrina*, in *MDSP*, p. 145-150; ANTHONY, *op. cit.*, p. 65-68; EMCC n.2.

⁴³ EMCC n. 3.

⁴⁴ GITTINS, *op. cit.*

⁴⁵ Cf. ANTHONY, *Ecclesial praxis...*, *op. cit.*, p. 67-70. EMCC n. 22. TASSELLO, *op. cit.*, p. 17.

das várias comunidades”⁴⁶. Portanto, a hospitalidade oferecida aos migrantes, tanto cristãos quanto não cristãos, brota da natureza e da história da Igreja enquanto lugar de acolhida para toda a humanidade: “A acolhida do estrangeiro é inerente, portanto, à natureza própria da Igreja e testemunha a sua fidelidade ao Evangelho”⁴⁷.

Por outro lado, a acolhida dos migrantes oferece uma nova oportunidade para “edificar e fazer crescer *neles* e *com* eles a Igreja, para juntos redescobrir e revelar os valores cristãos, para formar uma autêntica comunidade sacramental, de fé, de culto, de caridade e de esperança”⁴⁸. Portanto, a mobilidade humana torna-se um palco de avaliação de suas características essenciais: unidade (do gênero humano); santidade (de toda a realidade); catolicidade (em harmonizar a diversidade); apostolicidade (na missão sem-fronteiras).⁴⁹ Tudo isso revela - como já mencionado - a centralidade do diálogo cultural (inculturação e interculturalidade) e do diálogo religioso (ecumênico e inter-religioso) para o cuidado pastoral dos migrantes.

6. Experiência de migração em perspectiva escatológica

Uma leitura escatológica do fenômeno migratório levanta a questão do desenraizamento relacionado com o caminho em direção à pátria celeste e com a realização do Reino de Deus na confluência dos povos e das nações. Se, por um lado, a Igreja reconhece ser peregrina, por outro, ela admite que os migrantes têm um papel nela: “Na Igreja também os migrantes são convocados, por consequência, para serem protagonistas com todo o Povo de Deus peregrino sobre a terra (cf. RMI 32, 49 e 71)”⁵⁰.

6.1. Desenraizamento no caminho rumo à pátria celeste

A Instrução do Pontifício Conselho da Pastoral para Migrantes e Itinerantes constata que “o cristão é sempre um *pároikos*, um residente temporário, um hóspede, onde quer que se encontre (cf. 1 Pd 1,1; 2,11; Jo 17, 14-16). Por isto, a própria situação geográfica no mundo não é tão importante para os cristãos...”⁵¹. Em outros termos, como membros de uma igreja em caminho, somos todos peregrinos e estrangeiros, porque

⁴⁶ EMCC n. 16.

⁴⁷ *Ibidem*, n. 22. Cf. GIOVANNI PAOLO II. *Familiaris consortio*, Esortazione apostolica, 1981, n. 77.

⁴⁸ EMCC n. 38.

⁴⁹ Cf. EMCC n. 97; NEGRINI, Angelo. *Erga migrantes Caritas Christi*, in *MDS*, p. 452.

⁵⁰ EMCC n. 37.

⁵¹ *Ibidem*, n. 16.

“não temos aqui cidade permanente, mas somos à procura da cidade que está para vir” (Hb 13,14; cf. Fl 3,20). Já Abraão e seus descendentes, na espera de uma residência permanente, afirmaram ser “estrangeiros e peregrinos nesta terra” (Hb 11,13).

A mobilidade humana mostra que a “vida cristã é essencialmente a Páscoa com Cristo, ou seja, uma passagem, uma migração sublime para a plena comunhão do Reino de Deus, onde tudo e todos somos restaurados em Cristo”⁵².

É claro que o desenraizamento da vida terrena não significa desprezar a vida humana, mas reconhecer a relatividade de tudo o que determina a identidade terrena: etnia, cultura, nacionalidade, língua, religiosidade, riqueza, *status* social, conhecimento, idade... Em face da vida eterna futura, a vida terrena presente é apenas um momento temporário, de passagem. Para a comunidade cristã a pobreza e desapego dos bens terrenos, então, são as expressões proféticas do desenraizamento no caminho para a pátria celeste.

Isto significa que a Pastoral dos migrantes é um testemunho aberto e público dos cristãos desenraizados em caminho rumo à pátria celeste. Em outras palavras, o cuidado pastoral dos migrantes deve estar fundamentado em um desenraizamento escatológico da comunidade cristã em termos de pobreza e desapego.

6.2. Acolhida do Reino de Deus

Conforme sintetizado na Instrução *Erga Migrantes Caritas Christi*⁵³, já na “visão” de Isaías, o Reino de Deus implica a acolhida de todos os povos: “Dias virão em que o monte da casa de Iahweh será estabelecido no mais alto das montanhas e ... a ele acorrerão todas as nações” (Is 2,2). Na mesma esteira, Jesus profetizou que “do oriente e do ocidente, do norte e do sul e tomarão lugar à mesa no reino de Deus” (Lc 13,29). O livro do Apocalipse, por sua vez, representa o Reino de Deus como “uma grande multidão... de todas as nações, tribos, povos e línguas” (Ap 7,9). Assim, “as migrações podem ser uma chamada e uma prefiguração do encontro final de toda a humanidade com Deus e em Deus”⁵⁴.

⁵² PONTIFICIO COMMISSIONE PER LA PASTORALE DELL'EMIGRAZIONE E DEL TURISMO. *Chiesa e mobilità Umana (CMU)*, n. 10.

⁵³ EMCC n. 17.

⁵⁴ *Ibidem*.

Em sua peregrinação para o encontro final com o Senhor, a Igreja tem “o dever de forjar uma nova criação em Jesus Cristo, recapitulando n’Ele (cf. Ef 1,9-10) todo o tesouro de uma rica diversidade humana que o pecado transformou em divisão e conflito. Na medida em que a presença misteriosa desta nova criação for autenticamente testemunhada na sua vida, a Igreja é sinal de esperança...”⁵⁵. A acolhida dos migrantes é uma oportunidade para a Igreja forjar a nova criação recapitulando a riqueza das nações em Cristo.

A pastoral específica *para, entre e com* os migrantes, exatamente porque é de diálogo, de comunhão e de missão, se tornará então expressão significativa da Igreja, chamada a ser encontro fraterno e pacífico, casa de todos, edifício sustentado pelas quatro pilastras, a que se refere o Beato Papa João XXIII na *Pacem in terris*, isto é, a verdade e a justiça, a caridade e a liberdade, frutos daquele evento pascoal que, em Cristo, reconciliou tudo e todos.⁵⁶

A Pastoral migratória, portanto, constitui um modo explícito para testemunhar que a realidade escatológica do Reino de Deus, em que todas as pessoas podem confluír, já está entre nós. Em outros termos, o cuidado pastoral dos migrantes é a maneira pela qual a Igreja atesta ser semente do Reino de Deus e atuar incessantemente para sua realização. “O caminho dos migrantes pode tornar-se sinal vivo de uma vocação eterna, impulso contínuo àquela esperança que, apontando um futuro além do mundo presente, solicita deste a transformação na caridade e o cumprimento escatológico”⁵⁷.

7. Conclusão

Esta breve reflexão sobre os fundamentos teológicos de natureza antropológica, soteriológica, cristológica, eclesiológica e escatológica, não esgota o assunto. De fato, intrinsecamente relacionados com estes, há também os fundamentos pneumatológicos e mariológicos.⁵⁸ Quanto aos fundamentos mariológico, o documento *Erga Migrantes Caritas Christi* descreve Maria como o ícone vivo da mulher migrante e diz: “Ela deu à luz o seu Filho longe de casa (cf. Lc 2,1-7) e foi obrigada a fugir para o Egito

⁵⁵ *Ibidem*, n. 102.

⁵⁶ *Ibidem*, n. 100.

⁵⁷ *Ibidem*, n. 18.

⁵⁸ *Ibidem*, n. 15-18; 34. Cf. FUMAGALLI, Anna. *Pentecoste*, in *MDSP*, p. 835-837; COLZANI, Gianni. *Maria*, in *MDSP*, p. 579-591.

(cf. Mt 2,13-14). A devoção popular, portanto, considera corretamente Maria como Nossa Senhora do caminho”⁵⁹. Dos fundamentos teológicos examinados decorrem consequências tanto para a Pastoral migratória específica, quanto para a práxis pastoral e, mais em geral, para a reflexão teológica.

Em primeiro lugar, uma interpretação teológica do fenômeno migratório, de um lado, revela seu significado cristão e os motivos inspiradores da Pastoral dos migrantes; por outro lado, a compreensão teológica da migração, como vimos, dá ênfase a algumas dimensões negligenciadas no âmbito antropológico, soteriológico, cristológico, eclesiológico e escatológico. Desta forma, esta reflexão se refere a “uma perspectiva de leitura global e de transformação de toda a teologia a partir das migrações, um fenômeno global que caracteriza a nossa época”⁶⁰. Em outros termos, a teologia hoje é chamada a iluminar a dimensão histórico-dinâmica do Mistério do Deus das “tendas”, do Jesus “caminho”, do homem *viator* e da Igreja *peregrina*.

Em segundo lugar, deve ser afirmado o significado teológico dos dois aspectos distintos do fenômeno migratório: o desenraizamento e a acolhida. Trata-se de duas dimensões constitutivas da hospitalidade; esta, portanto, não deve ser interpretada como sinônimo de acolhida. A hospitalidade pode ser melhor entendida como uma instituição sócio-cultural e religiosa prevalente entre os vários povos para regulamentar de forma satisfatória (com vistas ao bem-estar e ao bem comum) a reciprocidade oferecida em um contexto de desenraizamento desestabilizador para ambos os *parceiros* em jogo, ou seja, os migrantes e os nativos.⁶¹ Consequentemente, a acolhida não deve ser vista simplesmente como a solução para o problema do desenraizamento. O desenraizamento de ambos, seja dos migrantes que dos nativos, deve ser interpretado em toda sua potencialidade de abertura ao mútuo enriquecimento, à fé e à esperança, ao plano de salvação, ao compromisso missionário e à pátria celeste. Da mesma forma, a acolhida doada aos migrantes e recebida dos nativos deve ser vivida como a maior expressão de amor a Deus e ao próximo, como a experiência de amor salvífico em Jesus Cristo, como manifestação da comunhão eclesial e escatológica. Neste sentido, a comunidade cristã é chamada a promover

⁵⁹ EMCC n. 15.

⁶⁰ CAMPESE, *op. cit.*, p. 1026.

⁶¹ Cf. GITTINS, A.J. *Gifts and strangers. Meeting the challenge of inculturation*, p. 111-138. BELLIA, Giuseppe. *Accoglienza/Ospitalità nella Bibbia*, p. 10-12.

uma verdadeira ascese do desenraizamento, uma cultura de acolhida e uma espiritualidade da hospitalidade.⁶²

Em terceiro lugar, os critérios teológicos (sobretudo aquele cristológico, eclesiológico e escatológico) relevam a oportunidade e a significatividade das estruturas leves, flexíveis, de “tendas” móveis e erradicáveis, em vez de “catedrais” estáveis e enraizadas, para acolher e acompanhar as pessoas em movimento. Em um mundo cada vez mais globalizado, o deslocamento de cristãos e não cristãos, tanto em nível nacional que internacional, exige por parte da Igreja maior criatividade para desenvolver estruturas flexíveis e interconectadas em rede⁶³, para desenvolver “um ministério sem fronteiras”⁶⁴.

Em quarto lugar, em um mundo globalizado, que atenua o desenraizamento com as redes de comunicação e cria “guetos étnicos” na terra de imigração, as estruturas da Pastoral dos migrantes, tais como as “capelarias étnicas” com Capelães/Missionários de um determinado idioma ou país, só podem ser soluções temporárias.⁶⁵ Com efeito, os critérios teológicos apresentados acima destacam a ambiguidade das “igrejas paralelas”, a saber, a Igreja local que se preocupa da pastoral migratória sem, no entanto, uma interação e uma integração verdadeira com a comunidade migrante. Não se pode ignorar que se a migração, por um lado, leva as “terras de missão” para a igreja local no Ocidente, por outro, ela traz consigo a possibilidade de uma nova vitalidade para a Igreja do Ocidente, mediante a presença de cristãos oriundos do hemisfério sul.⁶⁶ É uma oportunidade histórica que exige escolhas corajosas, não apenas em nível intra-ecclesial, mas também interecclesial (ecumênico), intercultural e inter-religioso.⁶⁷ Essas escolhas podem resultar em paróquias interculturais, interétnicas e inter-rituais.⁶⁸

Em conclusão, podemos deduzir que a pastoral dos migrantes deve tornar-se parte integral da pastoral ordinária da Igreja local, com a possibilidade de encontro e enriquecimento intercultural e inter-religioso na vida cultural. É o caminho pelo qual a Pastoral de Conjunto pode contribuir, simultaneamente, para a edificação da Igreja local e Universal,

⁶² EMCC 39-43.

⁶³ *Ibidem*, n. 89-95.

⁶⁴ CMU n. 26-27. PAROLIN Gaetano. *Chiesa e mobilità umana*, in MDSP, p. 131.

⁶⁵ Cf. EMCC n. 73-78, 91-92.

⁶⁶ EMCC n. 93-95.

⁶⁷ *Ibidem*, n. 49-69.

⁶⁸ *Ibidem*, n. 93.

para o desenvolvimento da sociedade local e mundial e para a realização da Humanidade Nova, do Novo Céu e da Nova Terra, do Reino de Deus.⁶⁹

Bibliografia

- ANTHONY, Francis-Vincent. *Ecclesial praxis of inculturation. Toward an empirical-theological theory of inculturizing praxis*. Roma: LAS, 1997.
- BATTISTELLA, Graziano (a cura). *Migrazioni*. Dizionario Socio-Pastorale (MDSP). Cinisello Balsamo - Milano: Edizioni San Paolo, 2010.
- GIOVANI PAOLO II. *Familiaris consortio*. Esortazione apostolica, Novembre 22, 1981. *Acta Apostolicae Sedis*, 74 (1982) p. 81-191.
- GITTINS, Anthony J. *Gifts and strangers*. Meeting the challenge of inculturation. New York & Mahwah: Paulist Press, 1989.
- PONTIFICIA Commissione per la Pastorale dell'Emigrazione del Turismo. *Chiesa e mobilità Umana (CMU)*, in TASSELLO, Giovanni Graziano; FAVERO, Luigi (eds.). *Chiesa e Mobilità umana*. Documenti della Santa Sede dal 1883 al 1983. Roma: CSER, 1985, p. 725-747.
- PONTIFICIO Consiglio della Pastorale per i Migranti e gli Itineranti. *Erga Migrantes Caritas Christi (EMCC)*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2004.

Abstract

Uprooting and welcoming: foundations for a pastoral care of migrants

This article aims at reading the complex phenomenon of migration in the light of faith, identifying in it the categories – uprooting and welcoming – for a better understanding of faith and of the underlying foundations of pastoral ministry among migrants. Human mobility, as locus theologicus, «sign of the time» and kairòs, allows for multiple perspectives in interpreting the experience of being uprooted and welcomed: anthropological, soteriological, christological, ecclesiological, eschatological, etc. Consequences derive from these foundations, not only for the specific ministry among migrants, but also for pastoral ministry and theological reflection in general.

Key words: Migration; Uprooting; Welcoming; Hospitality; Theological Foundations.

Recebido para publicação em 09/07/2011.

Aceito para publicação em 22/11/2012.

Received for publication in July, 9th, 2011.

Accepted for publication in November, 22th, 2012.

⁶⁹ Cf. *Ibidem*, n. 96-104.